



OS POVOS ORIGINÁRIOS DO CARIRI PARAIBANO: DIÁLOGOS ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva, Aristófanes Alexandre da Silva, Rafael de Farias
Ferreira

*Universidade Federal de Campina Grande/CDSA Campus Sumé, E-mail: Elenildasinesio@hotmail.com,
Universidade Federal de Campina Grande /CDSA Campus Sumé, E-mail: obe.avalon@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande /CDSA Campus Sumé, E-mail: Rafaelgeografopb@yahoo.com.br*

Resumo: Compreender a Antropologia como ciência é buscar superar o mundo intersubjetivo e o etnocentrismo, produtos do encontro da civilização ocidental e povos originários do Cariri paraibano, que resultou em violentos conflitos e distorções sobre esses povos e suas culturas. É nesse contexto que os sujeitos que compõem o Cariri paraibano buscam uma educação pautada no valor e no respeito as suas origens, nos mais variados espaços da sociedade atual. Para isso, procura-se construir um diálogo entre a educação e a antropologia, considerando a ideia de uma educação legítima, pautada nas relações entre os descendentes dos povos originários e a diversidade escolar no Cariri Paraibano. Percebe-se que o encontro da Antropologia e Educação é possível, apesar da jovialidade desse pensamento. O importante é que antropólogos e educadores pensem a construção de uma escola que esteja voltada para a compreensão do homem enquanto um ser social, para isso há um longo caminho de discussão, métodos e técnicas para serem efetivados.

Palavras-chave: Antropologia, Educação, Ciência, Prática, Povos originários.

INTRODUÇÃO

A antropologia e a educação, por serem ciências humanas, encontram fácil e imediatamente a base comum sobre a qual constroem suas reflexões, isto é, o homem e seus embates para fazer valer a sua natureza, distinta de outros animais. (VALENTE, 1997)

Nos últimos anos, pesquisadores das mais diversas áreas têm refletido sobre as práticas educacionais brasileiras. Velhos discursos que reproduzem paradigmas e conceitos pré-estabelecidos sobre a ação de educar. Porém, o ato de ensinar e aprender não são algo novo, mas a expressão da união entre ciência e prática.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A fala acima nos remete a uma reflexão sobre a educação a partir do homem enquanto um ser social. Para isso, procura-se construir um diálogo entre a educação e a antropologia, considerando a ideia de uma educação legítima, pautada nas relações entre os descendentes dos povos originários e a diversidade escolar no Cariri Paraibano.

A necessidade de trabalhar essa temática ganha respaldo em função dos modelos educacionais já existentes. Atualmente “a escola tem sido o veículo de projeção de padrões e modelos que impedem o verdadeiro conhecimento, privilegiando um conhecimento dado e assimilado pela ordem institucional, nem sempre percebido pelos agentes sociais que conduzem o processo educativo” (GUSMÃO, 2003, p.92). Diante dessa realidade, compreende-se o valor da antropologia da educação a partir do homem e de seu processo de aprendizagem.

Compreender a Antropologia como ciência é buscar superar o mundo intersubjetivo¹ e o etnocentrismo², produtos do encontro da civilização ocidental e povos originários do Cariri paraibano, que resultou em violentos conflitos e distorções sobre esses povos e suas culturas. É nesse contexto que os sujeitos que compõem o Cariri paraibano buscam uma educação pautada no valor e no respeito as suas origens, nos mais variados espaços da sociedade atual.

Assim, entende-se que é a partir do reconhecimento da necessidade de aproximação da realidade dos sujeitos, descendentes de povos originários e colonizadores, que brota a sensibilização para uma reformulação de currículos que valorizem e respeitem as identidades/singularidades.

No entanto há de se considerar que, tanto a escola como o ser humano, não são seres acabados, perfeitos, mas estão em permanente processo de transformação. Conforme Brandão (2005):

A educação não pode, pois ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação ao meio. É atividade criadora, que visa a levar ao seres humanos a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais. Não se reduz a fins exclusivamente utilitários como uma profissão. Abrange o homem em toda a extensão de sua vida. É um processo contínuo que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte. (BRANDÃO, 2005, p.63)

¹ Intersubjetivo é a relação entre sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto. É a capacidade do homem de se relacionar com o seu semelhante. O homem possui a capacidade de inter-relacionamento com seu semelhante, ou seja, a intersubjetividade.

² Etnocentrismo é um conceito da Antropologia definido como a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo, portanto, num plano mais importante que as outras culturas e sociedades.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Talvez um dos maiores desafios da educação no Cariri paraibano seja construir uma educação que inclua o homem e sua luta na convivência com o semiárido. Assim, “[...] a convivência com o Semiárido precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático” (MALVEZZI, 2007, p.132).

Essa educação, na perspectiva desse trabalho, nasce da vivência diária junto a escolas do Cariri paraibano, e desenvolve-se no diálogo entre a ciência e a prática, entre a antropologia e a educação, na dinâmica das relações entre os sujeitos.

Considerando a impossibilidade de fazer um percurso histórico sobre a antropologia da educação em sua totalidade, opta-se por um recorte teórico que dialoga com os povos originários do Cariri paraibano, mediado por propostas contextualizadas, construídas a partir das relações escolares dos sujeitos envolvidos.

METODOLOGIA

Antropologia e educação: da ciência à prática

O maior desafio da antropologia é conhecer a realidade do outro a partir da superação da cultura europeia em expansão. Construir as bases do conhecimento na ótica de si e dos outros homens. Essa experiência caracteriza a antropologia como uma ciência capaz de refletir as questões referentes a educação, principalmente dos povos originários do Cariri paraibano, e, com isto, construir um novo *locus* para o debate.

Assim, a antropologia busca constituir-se nas relações entre os homens e a construção do saber. Esse contato, entre os povos originários e os colonizadores, coloca em questão um espaço de encontro, de confrontação e conflitos, marcado pela diversidade, pelo diferente. Esta tensão é muito importante para a consolidação e desenvolvimento da antropologia como ciência e como prática. Para Galli:

O saber é uma dimensão social holística que vai do caos à ordem, para outra ordem; que se desconstrói com bases em pressupostos construtivos, postos em movimento pela experiência e pela vivência. Trata-se da fruição da cultura, que gera um fazer reflexivo e crítico, por vezes chamado educação. (GALLI Apud GUSMÃO, 1997, p.14)

Dialogar a antropologia e a educação é uma tarefa muito árdua, uma vez que cada uma possui suas peculiaridades, uma tensão entre o singular e o plural, mas encontram-se em torno de um objeto em comum: o homem. Para Dauster (2000) a tensão entre as já citadas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

disciplinas gira em torno das inquietações e os horizontes que norteiam o trabalho dos antropólogos e também dos educadores.

No que se referem ao conhecimento antropológico e educacional, os conceitos não são novos, uma vez que foram construídos desde a antiguidade, tendo sua continuidade com o clássico pensador da Antropologia, Franz Boas (1858-1942), juntamente com suas discípulas Ruth Benedict (1887-1948) e Margareth Mead (1901-1978). Estes, por sua vez, possibilitaram uma reflexão sobre a pedagogia na sociedade moderna, principalmente na sociedade norte americana, estabelecendo uma forte crítica em relação aos valores liberais econômicos impostos através da educação (MARI, 2008, p. 02-03).

Para os antropólogos, oriundos da escola de Franz Boas, a maior preocupação era compreender o ser humano e seu processo de aprendizagem partindo da questão cultural. Definindo cultura como tudo o que é produzido pela humanidade, seja material ou imaterial, dos artefatos e objetos até as ideias e crenças. Cultura é todo conjunto de conhecimento e toda habilidade humana empregada socialmente, independente da questão biológica. Essa definição foi estabelecida por Edwar Tylor ainda no século XX, porém ainda é considerada atual para todos os estudiosos que buscam entender o comportamento social. Nas ciências humanas, o conceito de cultura é um de seus principais alicerces, a ponto de a Antropologia se construir como ciência quase que unicamente em torno dele, um famoso debate que gira em torno da diferença entre *nature* e *nurture*, ou seja, o que inato e o que é adquirido (COHN, 2005, p.11).

Souza (2006) afirma que, além da escola de Franz Boas, outros antropólogos têm se preocupado com o contato entre a Antropologia e a Educação, investigando principalmente a atuação dos educadores nos encontros conflituosos entre as heranças culturais e as experiências pessoais dos alunos.

Essa preocupação faz desse debate um assunto atual. Do ponto de vista educacional questiona-se a inadequação dos PCNs em relação à realidade, principalmente quando se trata da realidade educacional do Cariri paraibano, onde acentua-se ainda mais a distância entre a teoria e a prática. No que cabe à Antropologia, as questões giram em torno da neutralidade do antropólogo e sua postura relativista, além do que se convencional denominar de Estudos Culturais.

Assim, a antropologia e a educação visam compreender a realidade dos povos originários, inseridos no ambiente escolar do Cariri paraibano, como algo que está além da homogeneização, superando a ideia da reprodução coletiva, mas através da união entre a ciência e a prática dos seus sujeitos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os povos originários do cariri paraibano: da antropologia à educação

De acordo com o IBGE, o Estado da Paraíba é constituído por quatro Mesorregiões Geográficas: Agreste, Borborema, Mata Paraibana e Sertão. Sendo estas distribuídas em vinte e três microrregiões.

O Cariri faz parte do Sertão paraibano, conhecido popularmente como Cariris-Velhos. Está situado no Planalto da Borborema, aproximadamente trezentos quilômetros de distância do litoral e fica numa posição elevada em relação ao litoral e ao sertão, separando as duas regiões. É parte da Microrregião do Cariri Ocidental e estende-se até o ponto mais extremo ao sul do Estado da Paraíba, constituído por um total de 29 municípios.

Esse cenário tem sido alvo de muitos pesquisadores e estudiosos, que preocupados em refletir a presença dos povos originários e dos colonizadores, fazem deste espaço um local propício para a etnografia.

Através da riqueza de relatos históricos, identifica-se o Cariri como um lugar de muita diversidade cultural e humana, o que torna esse ambiente propício para os estudos referentes à antropologia e a educação.

Para Galli (Apud. GUSMÃO, 1997) é comum, entre a antropologia e a educação, a existência real e concreta de diferentes grupos humanos. Uma existência que segundo Lara (1990), aponta para o espaço cultural marcado pelo jogo de interesses, principalmente a dominação e a luta por domínios territoriais. Uma realidade que foi muito vivenciada no Cariri pelo coronelismo. Para esse autor, a história cultural de muitos povos, a exemplo dos povos originários, foram tolhidos, "enquanto memória negada ou recalcada, enquanto memória distorcida ou mesmo completamente deturpada por aqueles que têm a força para se impor. A história cultural de um povo, na maioria dos casos, fica sendo a história das dimensões hegemônicas dessa cultura" (LARA, 1990, p. 104).

Em relação aos povos originários, a tríade: cultura, identidade e currículo escolar sempre estiveram presentes nos propósitos modelos paradigmáticos que norteiam as relações sociais, principalmente no que se refere a produção e reprodução de teorias e significados. Ao se compreender o lugar onde a escola está inserida, suas especificidades enquanto ação institucionalizada, em diferentes contextos e espaços de tempo, compreende-se a importância do currículo enquanto produtor de identidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Desse modo, assim como nas aldeias de povos indígenas, a educação permite a continuidade cultural e histórica da comunidade onde a escola está inserida, mantendo, assim, a transmissão de suas culturas por várias gerações, ou como muito bem observa Melià (1999, p.11) “[...] não há um problema da educação indígena, pelo contrário, o que existe é uma solução indígena ao problema da educação”.

Para Durkheim (1975, p.37) a principal característica da educação desses grupos étnicos é o fato de ser difusa e administrada por todos os membros que a compõem. Não há mestres determinados, nem inspetores especiais para a formação da juventude: esses papéis são desempenhados por todos os anciãos e pelo conjunto das gerações anteriores.

A escola, enquanto instituição normatizadora, é um produto tradicional europeu, sendo que esta foi criada com a finalidade de sistematizar o processo de socialização de seus membros. Para Brandão (1993, p.13) “a educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado”.

O pensamento de Brandão faz referência a um processo educacional que independe da estrutura legal do Estado, ou seja, uma educação que é repassada de geração em geração, por meios de suas práticas e vivências, através das peculiaridades de cada grupo étnico. Essa educação informal é bem visualizada no Cariri paraibano, principalmente na zona rural, onde os saberes são transmitidos no dia a dia, e a herança dos povos originários ainda prevalece cotidianamente dentro de sua organização social.

Nessa perspectiva a educação perpassa os muros da escola, sendo parte indispensável à manutenção e existência da sociedade, uma vez que é através dela que os conhecimentos e as técnicas são transmitidos e absorvidos, independentemente do processo de socialização. Assim, ninguém pode escapar à educação, posto que ela está presente “em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida coma educação” (BRANDÃO, 1993, p.7).

No que se refere aos povos originários, muito tem se discutido a respeito de políticas públicas voltadas para a vida escolar desses grupos, no entanto, é preciso compreender, segundo a definição de Brandão (1993, p.10), que a educação é “uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse contexto, a educação desenvolve um papel fundamental, pois como instrumento de transmissão e reprodução de saberes sobre as questões das diferenças e diversidades entre os povos, sem em momento algum, deixar de garantir os direitos fundamentais e respeitar a dignidade humana, enfraquecendo os discursos de desigualdade entre os povos. Diante disso, a antropologia e a educação se completam por meio da união da ciência de da prática, como instrumento de difusão de saberes sobre o homem e sua convivência no Cariri Paraibano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo que ora foi proposto, cabe refletir, a partir de Franz Boas, a escola enquanto modelo europeu e etnocêntrico. Para Boas, a realidade de seu tempo apontava um risco para os povos do futuro e para o futuro das civilizações. E a razão é simples, a escola, enquanto instituição social, não promove meios democráticos perante a diversidade cultural e social na qual está inserida.

Sabe-se que há muitas discussões sobre o tema, mas poucas políticas públicas voltadas para a inserção da cultura dos povos originários nos currículos escolares. Gusmão (1997), afirma que “a breve síntese de um processo vasto e intenso que se desenvolveu na primeira metade do século, e que não termina aí, está exigindo olhares mais profundos na história da intersecção entre antropologia e educação”.

Percebe-se que o encontro da Antropologia e Educação é possível, apesar da jovialidade desse pensamento. Contudo há de se respeitar as peculiaridades de cada disciplina para garantir o enriquecimento do conhecimento humano, do contrário poder-se-ia conduzir ao empobrecimento desse processo.

Essa discussão é apenas um ponta pé inicial, na reflexão dos aprendizes de Franz Boas, que acreditam na possibilidade do diálogo de conhecimentos entre a ciência e a prática, sem deixar de lado as necessidades de cada localidade.

O importante é que antropólogos e educadores pensem a construção de uma escola que esteja voltada para a compreensão do homem enquanto um ser social, para isso há um longo caminho de discussão, métodos e técnicas para serem efetivados.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 28º ed. São Paulo: Brasiliense. 1993. (Coleção Primeiros Passos). Disponível em: http://www.4shared.com/office/HiSCUXbx/O_que__Educao_-_Carlos_Rodrigu.html

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo. Ed. Brasiliense. 2005

COHN, Clarice. **Antropologia da criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

DAUSTER, Tania. **Navegando contra a corrente? O educador, o antropólogo e o relativismo.** In: BRANDÃO, Zaia. (org.) A crise dos paradigmas e a educação. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** 10ª ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975.

GALLI, Matilde C. **Antropologia culturale e processi educativi.** 1ª ed., Scandicci (Firenze), Nuova Italia, 1993.

GUSMÃO, Neuza Maria (Org.). **Antropologia e educação: interfaces do ensino e da pesquisa.** Cadernos CEDES, Campinas: Faculdade de Educação, v. 18, n. 43, p. 8-25, 1997.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Antropologia e Educação: origens de um diálogo.** In: Cadernos Cedes vol. 18 n. 43 Campinas Dec. 1997.

GUSMÃO, Neusa M. **Os desafios da diversidade na escola.** In: GUSMÃO, Neusa M. (Org.). Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados. São Paulo: Biruta, 2003. p. 83-105.

LARA, Tiago Adão. **"Humanismo e Cultura"** In: Educação e Filosofia. nº 8. M.Gerais, UFU, jan./jun. de 1990.

MALVEZZI, R. **Semiárido - uma visão holística.** 1 ed. Brasília: CONFEA - Superintendência de Comunicação e Marketing, 2007. 140p.

MARI, Eric Carlos de. **Antropologia da educação: apontamentos entre Malinowski e Paulo Freire.** 2008. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/resumos/anais/ericmari.pdf>

MELIÁ, Bartomeu. **Educação indígena na escola.** In: Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, Dezembro/99. pp. 11-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n49/a02v1949.pdf>

SOUZA, Maurício Rodrigues de. **Por uma educação antropológica: comparando as ideias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire.** Revista Brasileira de Educação. v.11, n.33, set/dez, 2006.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Por uma antropologia de alcance universal.** Cad. CEDES. Campinas. v. 18 n. 43 Dec. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101